

P  
A  
T  
A  
L  
L  
I  
N  
O



S  
E  
R  
T  
-  
L  
I  
S  
B  
O  
A  
E  
E  
L  
V  
A  
S

Uma revelação do futebol português no posto de avançado-  
-centro — chamado à Selecção Nacional contra a Irlanda

**Stadium**

N.º 186 — 26 de Junho de 1946 — Esc. 2\$00



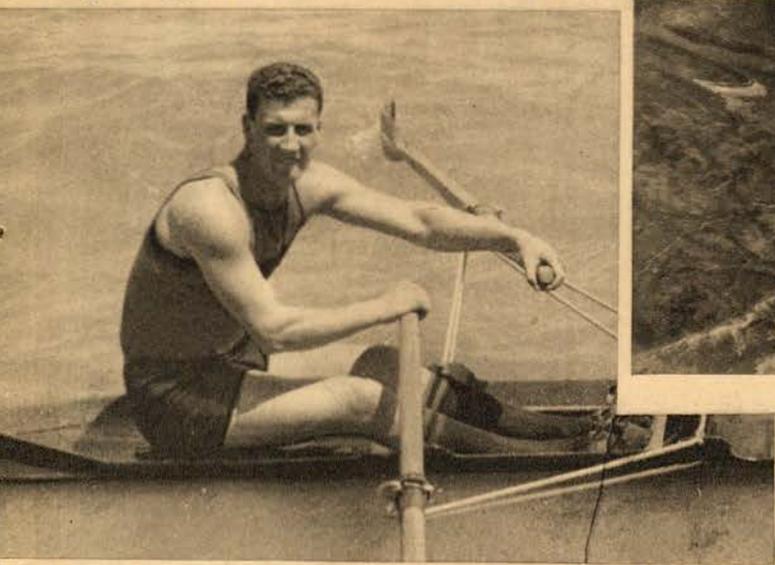
# FLECHA

*A Bicicleta da Actualidade*

**A ILUMINANTE**

**STAND FLECHA**

Largo do Intendente — LISBOA



Jorge Ferro, que treina com os olhos postos no título de «skiffs»...



Vista panorâmica da Albufeira do Eral

**R**ESOLVEU a Federação Portuguesa de Remo que este ano os campeonatos nacionais na classe de «out-rigger» — as máximas competições da especialidade — se realizem na Albufeira do Eral, um local maravilhoso e excelente para a prática do remo. Este facto veio animar ainda mais a época de remo que no conjunto nos garante boa actividade, valorizada com uma competição Portugal-Espanha.

No entanto que mais se poderá observar neste princípio de época do remo? Com esta ideia visitámos num destes dias a Federação. Fizemo-lo no melhor momento, pois estavam reunidos os seus dirigentes, os srs. comandante Soares de Oliveira, Mendo Saraiwa Lobo, João dos Santos, dr. Leopoldo Leharfeld, maior sem dúvida alguma um excelente punhado de dedicações pelo remo.

— Que nos reserva a época de 1946?

— A época de regatas de 1946, está decorrendo, dentro de um entusiasmo inicial, por forma que não contenta os técnicos da especialidade quanto às características de remada demonstrada nas primeiras regatas já realizadas: as duas jornadas feitas, a do «Dia de Principiantes» e a dos «Campeonatos regionais de velocidades» tiveram em quantidade, quanto a Lisboa, bastantes concorrentes. Mas o estado péssimo no rio Tejo, devido à continuação do mau tempo, impediu os treinos regulares e, consequentemente, uma preparação que permitisse às tripulações apresentarem-se em boa forma. Mas este facto repetiu-se, pelo mesmo motivo, nos restantes centros náuticos do continente.

— Como se esperam que decorram os campeonatos?

— Espera-se que os Campeonatos Nacionais que se aproximam, se revistam de brilhantismo desusado. Para isso devem concorrer dois factores importantes, sendo o principal proveniente da resolução tomada pela Federação Portuguesa de Remo, em levar à lagoa do Eral as provas máximas na classe dos barcos out-rigger; ali vamos ter este ano e julgamos que pela primeira vez no historial do desporto de remo português, uma pista regular com águas tranquilas e sem correntes, abrigadas dos ventos. Outro factor, para despertar o interesse dos clubes concorrentes consiste no prémio instituído pela Federação, que sendo de carácter definitivo, vai ser atribuído por pontuação à colectividade que melhor se classificar nas regatas da presente época.

— Mais ou menos quantos remadores estarão este ano em actividade?

— Não será exagerado dizer que até agora, este ano, já participaram nas regatas oficiais — Dia de Principiantes, Campeonatos regionais de velocidade — cerca de 400 remadores nos tres centros em que o continente está subdividido. Mas este número refere-se apenas áqueles que entraram em provas. Mais do dobro se verifica entre todos os que romam apenas para fazer exercício e não pretendem entrar em competições.

Amavelmente os directores da Federação iam-nos fornecendo as indicações que lhe sollicitáramos. Por nossa parte continuámos com curiosidade:

— Que provas internacionais se disputarão? O Campeonato Peninsular?

— Para 1946, de positivo, teremos só o Campeonato Peninsular, cuja organização pertence à Espanha. Pelas notícias que temos, já não é Marín o local designado mas sim Barcelona ou Vigo; esta mudança de local obrigou a um adiantamento de data e salvo nova contrariedade apresentada pela Federação Espanhola, as regatas do IV Campeonato Peninsular, terão lugar em 9 de Agosto. Este ano o número das provas que compõem este programa, já será mais completo, pois além dos out-riggers de 4 e 8, haverá a regata de Skiffs e ainda, à margem destes campeonatos, regatas de yolles inter-cidades, com equipas de ambos países.

Depois uma pergunta importante: — Poderemos ver o remo português nos olimpiadas?

— Não podíamos esquecer a possível participação nacional nos próximos Jogos Olímpicos. Mesmo antes do Comité Olímpico Português, nos ter feito as suas consultas e recomendações, prevíamos esta circunstância tão honrosa para o remo nacional e por isso mesmo não esmorecemos de esforços até encontrar uma pista regular, ou le por confronto de tempos, ajuizar do valor das nossas tripulações. Parece à Federação Portuguesa, sobretudo depois da sua presença e participação nos trabalhos do último congresso da FISA (Federação Internacional das Sociedades de Remo) ser indispensável a participação dos melhores valores do nosso Remo, nos campeonatos da Europa de 1947, os primeiros que se farão depois da guerra. Esta será a grande pedra de toque para admitir a participação nacional nos campeonatos Olímpicos de 1948.



... e Assunto Correia, que também defenderá a sua «chances»

O 8 de júniores da Associação Naval, que participará nas provas do Eral



Sansão de jenda uma bola aos pés de Peyroteo



Fase animada no centro do terreno

## TAÇA DE PORTUGAL

# O Sporting e o Atlético

são os finalistas, graças às suas vitórias sobre o Famalicão e o F. C. do Porto

A pouca sorte dos minhotos — O resultado mais expressivo do torneio — A equipa alcantarensê conquistou a final com absoluto mérito



**PORTO!** Estão encontrados os finalistas que, em 1946, devem decidir entre si a posse da «Taça». Sporting e Atlético, ambos de Lisboa, podem não ser nitidamente os melhores no futebol da época — mas conquistaram sem dúvida a honra com absoluto mérito.

Já se sabe que, na «Taça», pesa bastante o factor sorte. O Belezenses, campeão nacional, ficou na primeira jornada; o Benfica perdeu logo a seguir. Na «Taça» não é difícil assistir-se a grandes surpresas.

Na última jornada, porém, já não se deram surpresas de vulto. Nem mesmo a vitória do Sporting por 11-0 pode considerar-se de tomo. Os famalicenses são novatos na prova, e já foram longe, como não esperavam, possivelmente, mas a «ponta final» atraiu-os.

Claro que o resultado é «forte». Os minhotos tiveram pouca sorte, tanto mais que o seu guarda-redes só a espaços passou pela baliza. O *team* acabou com 7 homens no campo, e isso serve de atenuante. No entanto, a superioridade sportinguista foi notável. E naturalíssima.

Com este jogo descansado, o Sporting parte para a final com certa disposição. Os «atléticos», em presença de um desafio mais difícil, e assim aconteceu, segundo

as críticas, terá de submeter-se a outros cuidados, durante a semana...

### O «à vontade» dos «leões» e a réplica do Famalicão

O Sporting não pôde traduzir em «goals», na primeira vintena de minutos, a sua superioridade. Só aos 26 minutos de jogo chegou a primeira bola às redes de Sansão. Até esta altura deram boa réplica os famalicenses, principalmente no ataque.

O guarda-redes famalicense teve de abandonar o terreno quando os «leões» ganhavam por 2-0. E a superioridade lisboeta deu nas vistas...

No segundo período, os minhotos não puderam dar a mesma réplica. O guarda-redes esteve poucos momentos na baliza, e nunca mais se pensou em jogo equilibrado. As bolas foram atingindo o alvo, os sportinguistas deram também ao encontro toada lenta, desinteressada, e quando o encontro se concluiu os visitantes estavam duramente punidos. Já se disse que têm atenuantes. De todos os modos, porém, a vitória do Sporting não ofereceria dúvidas.

Os grupos:  
*Sporting* — Azevedo; Cardoso e Marques; Veríssimo, Barrosa e Juvenal; Armando Ferreira, Sidónio, Peyroteo, A. Marques e Albano.  
*Famalicão* — Sansão; Armando e Cerqueira; Ferrão, Szabo e Ade-

lino; Mendes, Sampaio, Pires, Tellecheia e Gita.  
Arbitrou Domingos Miranda, da A. F. do Porto.

### Entre o Atlético e o Porto o resultado é normal

O jogo de Coimbra poderia dar uma vitória pela tangente para qualquer dos lados. Só por *desastre* se verificaria uma vitória larga, visto que o valor dos dois grupos é sensivelmente igual.

A equipa do Atlético conseguiu 2-1 na primeira parte, e no segundo período nenhum dos *leões* marcou tentos.

Marcaram primeiro os lisboetas, e o F. C. P. igualou. Veio depois a sofrer o ponto que estabeleceu o resultado final, e o seu ataque não teve talento para destruir a vitória desenhada pelos alcantarenses nos primeiros 45 minutos.

Parece certo dizer que o F. C. do Porto não foi feliz esta época. Lutou com a falta de alguns jogadores no campeonato nacional, e neste jogo da «Taça» foi bem vencido. Não se esqueça que o Atlético eliminou o Benfica, e que essa façanha é digna de compensação.

Veremos o Atlético na final. Muito bem, demais tratando-se de um clube novo — o mais novo das grandes competições oficiais de futebol.

Neste jogo de Coimbra, a despeito do natural «desalento» que se nota no grupo do F. C. do Porto, com linha média que é sempre uma charada, puderam os lisboetas triunfar de modo que não se discute. Os rapazes do F. C. do Porto dominaram com certa insistência, para o final do encontro, mas o Atlético «segu-

rou» o triunfo com unhas e dentes, embora o seu guarda-redes Correia estivesse em crise por várias vezes.

Não há que dizer. Ficaram pelo caminho alguns bons grupos. A «Taça» tem a sua lei, possivelmente dura, pelo menos para alguns, e agora apenas se pensa no jogo decisivo. O resto pertence à história e não merece recordar-se.

As linhas:  
*Atlético* — Correia; Baptista e Francisco Lopes; Rosário, José Lopes e Moraes; Micael, Marques, Gregório, Guedes e Manuel da Costa.

*F. C. do Porto* — Barrigana; Alfredo e Guilhar; Anjos, Romão e Octaviano; Freitas, Araújo, Correia Dias, Joaquim e Catolino.

Arbitro: Augusto Pacheco, da A. F. de Aveiro.

Rodríguez Teles

## ANDEBOL

# O campeonato nacional

**F**OI ainda totalmente favorável aos grupos lisboetas a segunda jornada do campeonato nacional, permitindo saber que pela primeira vez na história da prova o título virá para um dos representantes da capital.

O desportivo «Cuf» voltou da sua segunda deslocação ao norte com um empate que o favorece; sobre este encontro não queremos formular apreciações, porque do que nele se passou de desagradável — e parece que foi bastante — só temos conhecimento por vias indirectas. Esperemos, para ver como procederá a Federação; da recolha geral dos elementos fornecidos pela imprensa, conclui-se que houve dureza excessiva de jogo, complacência exagerada do árbitro, e comportamento indisciplinado do público.

O jogo de Lisboa, entre o Sporting e o Vigorosa, deixou muito mais agradável recordação, porque foi disputado por ambos os adversários com o maior desportivismo e entusiasmo permanente.

Os «leões» ganharam mercedi-

damente pela autoridade de que deram mostras durante todo o segundo tempo, apesar de praticamente redazidos a dez homens pela inutilização de Tomás.

A partida teve sempre interesse e emoção quase até final; vencedores por 3-0 aos treze minutos de jogo, os sportinguistas deixaram-se igualar e ultrapassar, 3-3, 4-3, 4-5 pelos portanenses, cuja linha avançada fez, na zona de ataque, uma excelente demonstração de mobilidade e desmarcação.

Quando chegou o intermédio, a impressão dominante nos escassos espectadores presentes, reflectindo o efeito da avassaladora reacção do Vigorosa, não seria muito tranquila quanto ao provável êxito dos lisboetas. Estes, porém, voltaram decididos a vencer e impuseram-se desde os primeiros minutos, desbaratando todas as veleidades contrárias e mantendo quase sempre toada de ataque; fizeram quatro pontos mais, perderam duas grandes penalidades e várias outras ocasiões favoráveis por mau

(Continuação da pág. 15)

# A IRLANDA bate a ESPANHA dominando em concepção de jogo

MADRID, 23 — Os irlandeses como que vieram à Península para servir de pedra de toque do futebol português e do futebol espanhol. Os números falam a linguagem mais expressiva. A Irlanda perdeu no Jamor por 3-1, e vem ganhar ao Metropolitano por 1-0.

Não se pode descrever a decepção dos espanhóis, que, de certo modo, não jogavam só contra a Irlanda mas também contra Portugal. Toda a Espanha estava interessada em saber quantos *goals* marcaria contra os *folhas de trevo* (quantos mais do que Portugal?) e apesar de já ter empatado uma vez contra a Irlanda — e nos bons tempos! — não estava preparada para a derrota. Luiz Passarin, como Pedro Escartin, deliraram no Estádio Nacional do Jamor demasiadamente otimistas, e talvez isso tenha provocado a derrota...

Pode dizer-se que a Irlanda teve sorte, mas os jogos ganham-se também com esse factor. Sorte, sorte — só no último quarto de hora. Mas isso porque os irlandeses não podiam mais. Mortos de fadiga, aguardavam o apito final como redenção. Em contraste, os espanhóis, alumiados pelo desejo de não serem batidos, redobravam de esforços.

Os irlandeses, enquanto tiveram forças, praticaram, na defesa, o jogo de marcação, como nós o entendemos, e no ataque, o passo curto e a um palmo da relva, em combinações de efeito. Falharam no remate. Mas a arte da *passagem*, especialmente para o lado, foi magnificamente praticada, e os triângulos produzidos pelos dianteiros perturbaram o bloco defensivo espanhol, onde defesas e médios não mostra um a devida penetração. Quando a Irlanda marcou a sua bola solitária, aos 25 minutos, de um remate de Sloan precedido de falhanço de Aparício, os espanhóis continuaram a acreditar, apesar de tudo, no seu triunfo. Mas à medida que o encontro decorria, sem *goals*, a desorientação ia-se avolumando, e nada pior para um grupo.

Uma coisa é a vantagem do território. Outra o jogo, propriamente dito. Mesmo no primeiro tempo, em que o vento, apesar de fraco, favorecia a Irlanda, o jogo merecia a nota do equilíbrio. Na segunda parte, os espanhóis invadiram o campo irlandês, gastando as suas energias em corridas e desmarcações desordenadas, com erros hábilmente aproveitados pelo grupo verde.

A linha espanhola, tida antes do encontro como a mais racional, começa a ser objecto de críticas, pois agora entende-se que talvez este elemento tivesse feito melhor lugar a aquele desse rendimento. Ainda que não se devia fazer a substituição do centro, mas outra. E' o caso de sempre. O seleccionador substituiu Martin por Zorra, reque-ido em altos gritos pelo público. Mas logo se viu que o erro não era do avançado-centro. Com um ou outro, tudo decorreu na mesma. Quer dizer, o malogro não foi de jogadores. Mas de tática. Os espanhóis con-

tinuam a ser os mesmos homens destros, velozes e enérgicos. Simplesmente, não souberam adoptar em campo a tática conveniente.

Quando Passarin regressou de Espanha trazia em mente, provavelmente, a ideia de dar ao seu conjunto o espírito eminentemente ofensivo. Para isso, conservando as defesas na colocação habitual, avançou demasiadamente os médios, fundindo-os com a linha da frente. Nesta, os interiores atacaram sómente. Não era com eles o papel defensivo. O que fez Calado, em Lisboa, de, não abandonando a ideia do ataque, descer na direcção de Azevedo, em perseguição do homem que organizava a contra-ofensiva, nunca se observou no Estádio Metropolitano. Deste modo, os irlandeses dispuseram de uma larga faixa de terreno, isenta de obstáculos e propícia aos seus desenhos e triângulos.

O defeito dos interiores espanhóis poderia talvez ser tapado por um dos médios, inclusivamente pelo médio-centro, se este fosse o Ipiná de outrora. Mas os anos já lhe pesam, parecendo-nos evidente que um futebol rápido, como o de Espanha, já não se compadece com os vagares de um médio-centro que, antes de passar, e passa bem, teve sempre a demora de quatro ou cinco passos.

O jogo irlandês não variou nada em relação ao desafio contra Portugal: linha média de menor capacidade que a defesa e o ataque. Destacaram-se o defesa direito e o médio-centro. As honras da tarde devem ir, no entanto, para o interior direito e ponta esquerda, especialmente para este, notável na sua acção. Mas todos os dianteiros atingiram bom nível.

No lado espanhol, diremos que Elizguirre, tendo deixado entrar um *goal* cuja defesa admitimos, se comportou bem no decurso do desafio, com paradas excelentes. Aparício melhor que Jugo, González III destacou-se na linha média. Ipiná e Huete, interiores, Iriondo e Goinza, seus extremos. Panizo e Cesar, jogadores habilidosos, mas sem força física. Martin melhor que Zorra. Arbitragem no tipo de favorecer os de casa.

Encontrámos há pouco um português, que nos disse: «E altura de darmos uma *cabazada* aos espanhóis».

Eis uma ideia falsa. Os espanhóis são bons jogadores. Dificilmente os venceremos.

Não escondemos, no entanto, que o momento que passa rasga horizontes às nossas possibilidades. Mas para tal é preciso não tirar a Seleção de Portugal a moral e a firmeza de que tem dado provas. Auxiliar a nossa tarefa — em vez de a perturbar e denegrir com furor, numa manifestação da inferioridade e aproveitamento o favor da maré... Mas não nos deixaremos arrastar!

Tavares da Silva

ESTÁ alcançando um grande êxito o Concurso Hípico Internacional de Lisboa, que desde sábado se disputa no Campo 28 de Maio.

Não é de admirar o interesse do público pelas provas, não só porque se trata do certame mais importante que se organiza no país, como também porque a ele concorre uma equipa espanhola considerada fortíssima, à qual certamente estão reservadas magníficas classificações.

Logo no primeiro dia de provas se verificou a classe de alguns, se não de todos os cavalos, que os espanhóis trouxeram este ano a Portugal. São animais de categoria internacional, bem ginasticados, que saltam com facilidade, sem esforço aparente, mantendo uma velocidade de galope que os torna perigosíssimos adversários. Há ainda a considerar a sua preparação, visto que alguns deles concorreram já este ano a cinco Concursos, vantagem grande que apresentam sobre os nossos, que, exceptuando os que se deslocaram a Madrid, estão a disputar o seu primeiro certame de 1946.

Parece-nos de grande interesse dar-se ao nosso calendário hípico outra disposição, organizando-se mais concursos e não começando pelo de maior responsabilidade. Isto não só traria vantagens a todos os nossos cavaleiros, como, principalmente, seria de extraor-

dinária utilidade para aqueles a quem está confiada a representação nacional.

Parece-nos que o problema não tem sido assim encarado, e deveria sê-lo, para evitar um desnível de valores entre portugueses e espanhóis, que tecnicamente não existe, e que se atribui muito simplesmente à falta de preparação dos cavalos, alguns deles de tanta categoria como os melhores espanhóis.

A «Omnium» estava este ano dividida em duas séries, a primeira para os cavalos que não tivessem obtido 1.000 escudos em provas de obstáculos e a segunda para os de «handicap». Enquanto que na 1.ª série se não registaram percursos sem falhas, nem o do vencedor — tenente Kaalza Arriaga na «Balada» —, que não teve derrabes mas se penalizou por excesso de tempo, na 2.ª nove cavaleiros terminaram com 0 pontos, e entre estes os coman-

dantes espanhóis Navarro e Ordovaz.

Foi brilhantíssima a vitória de «Quorum», montado pelo primeiro daqueles oficiais, que via nos aplausos do público a magnífica impressão que causara. A facilidade dos saltos e a velocidade do galope revelaram logo que estava ali o vencedor.

O tenente Barros e Canha, no «Jocosos», esteve largo tempo à frente da classificação, merecendo um magnífico percurso, tendo-lhe cabido a honra de fazer descer do mastro a bandeira espanhola, que momentos antes ali sobrava devido à bela acção do comandante Ordovaz na «Reina», uma égua «parvo-sangue» de extraordinária classe.

A classificação do «Jocosos» entre «Quorum» e «Reina» foi brilhante.

No segundo dia mereceu o maior relevo a vitória do capitão Guedes de Campos no «Ribamar», que bateu em tempo todos os

outros concorrentes da «Caça», e entre eles os quatro cavaleiros espanhóis.

Curiosa e emocionante a luta para o 1.º lugar da «Tart Club», na qual os cavaleiros dos dois países se bateram de igual para igual.

As bandeiras de Espanha e de Portugal revezaram-se no mastro de honra com percursos notáveis de «Reina», com o comandante Ordovaz; «Brioso III», com o tenente Miranda Dias, e «Nervus», com o qual o comandante Nogueras arranca a segunda vitória para a equipa espanhola, neste certame.

Amanhã terá lugar a «Taça de Ouro da Península», a prova máxima entre portugueses e espanhóis, na qual se irão bater duas fortes equipas, dignas uma da outra.

Veremos se Portugal consegue a 5.ª vitória consecutiva.

Antas Teixeira

## HIPISMO

# O CONCURSO HIPICO Internacional de Lisboa

# Vitória volumosa do Sporting



Entre FOSFOROS e ESTORIL terá de haver novo jogo



ASPECTOS DO JOGO SPORTING-FAMALICÃO: 1 — Os leões empenham-se na defesa; 2 — O guarda-rede famalicense desvia com os punhos; 3 — Sidónio domina um adversário; 4 — Peyroteo em «sprint»; 5 — Outra jogada esforçada de Peyroteo. PARA A TAÇA «RAUL FIGUEIREDO»: Uma boa defesa de Santiago, do Benfica (n.º 6). FOSFOROS-ESTORIL: 7 — Nascimento em acção; 8 — Jogo embutido na área estorilense; 9 — Outra boa intervenção de Nascimento

# Crônica de Touros



A direita e ao centro, Arruza na companhia de nosso camarada Rogério Perez. Em baixo, Arruza beija sua mãe

## CHEGOU O OUTRO!

O outro é Carlos Arruza, que «Manolète» veio antes. Ambos nos declararam não quererem tourear este ano em Espanha. Aqui para nós, talvez acabem por tourear; mas, entretanto usam da boa tática de se fazerem desejar, de convencerem as empresas de que sem eles perdem dinheiro, e de convencerem o público de que sem eles os bilhetes não são mais baratos. Não se pode dizer que seja mau o plano estratégico. E na hora H, acabam por tourear os dois

## No Campo Pequeno

Véspera de São João, com corridas completas em Badajoz — em extensão e profundidade — autenticamente espanholas porque nem a presença dum cavaleiro português, Murteira Correia, lhes altera o carácter, ao contrário do que aconteceu em Lisboa, «à espanhola» e apenas com um cavaleiro. E a

propósito lembramos ter escrito que, até por nacionalismo económico, se deve legislar no sentido de, tal como no México e em Espanha, não poderem os elementos estrangeiros da tourada exceder 50% dos nacionais. O caso é que, apesar do dia de sol, a entrada foi fraca. D. Francisco de Mascarenhas, à frente do passeio à espanhola, ouve palmas e brinda ao «ganadero» e ao público.

O 1.º do dr. Emilio Infante, é gordo e bonito, ainda que aberto de astes. Procópio fixa-o no meio da arena e aí vai o cavaleiro para cravar a 1.ª farpa. A 2.ª é aplaudida, e a 3.ª, investindo o touro suavemente. Na 4.ª, junto à querença natural, e um curto bom e bem preparado. O 2.º é cravado com exposição. Palmas. Um 3.º, e o cavaleiro sai com palmas, e é chamado, e dá a volta à arena. Joaquim do Carmo pede licença para apresentar os dois novatos. Santos e Alegria, que começam por usar da capa, com ajuda dos santos e certa alegria. Santos crava um bom par, e Alegria outro, melhor. Frederico Santos, que é da Golegã, «quebra» bem, e José Alegria, de Lisboa, quartela bem. Santos tenta «chicuelinas», e Alegria, esboça «verónicas». E o novilho retiro, e os novatos foram aplaudidos.

É fino e bonito o touro que sai desembolado para Fermin Rivera que lanceia à «verónica», apertado e bem, e repete melhor... Palmas. O Juanito Belmonte intervem de frente por detrás, e também ouve palmas. E Gregório arma um dos indisciplináveis escândalos. Mais palmas. Fermin crava um grande par ao quartelo, e repete melhor. Palmas. E sai «rebutado» do 3.º, também aplaudido. Fermin começa por ajudá-los, por alto, parado e confiado. Continua tranquilo, e dá bons ajudados por baixo, em redondo. Palmas. Repete, e passa a «muleta» para a mão esquerda, mas o touro não toma bem os «naturales», pelo que Fermin passa a tourear-lo pela cara e de «piton a piton». O vento dificulta a faina, e Fermin simula. Palmas, e chamada. Outro, baixel, e Juanito honra o apelido em duas «verónicas», depois por faróis. O touro coxeia. Outra intervenção de Gregório. Mal bandarilhado passa, o touro a mãos de Juanito, prévia preparação do bom peão «Bonis». Um ajudado por alto, intervenção de «Bonis», uma série de ajudados por baixo, e um farol com perda da «muleta». Quatro «manoletinas», com «molinete», e palmas. Vem uma colhida absurda, sem consequências, mas aparatosa, e Juanito entra logo a «matar». Palmas e chamada, e volta, com alguns protestos.

Gregório, depois de Correia e Segarra dobrarem o seu touro, lanceia à «verónica» e Fermin intervem por «chicuelinas». Palmas. Dias e Segarra bandarilham nial, que Gregório ainda se ressentia da colhida de Montemor, e o público, que não sabe, protesta, e com razão no que se refere à actuação dos dois bandarilheiros. Gregório brinda a Carlos Arruza e começa lutando com o touro e com a ferida da perna, que nos dizem estar ainda aberta. O público não sabe, e não poupa o ídolo. Ingratidões!...

Após o intervalo sai outro touro bonito, como uma flecha até ao cavaleiro, que esquiva. Procópio pára-lhe os pés, e D. Francisco crava duas farpas, e outra, também aplaudida, e outra, idem, ainda que todos com demasiada rapidéz, em corrida quase vertiginosa. Muda de cavalo, e aguenta uma arrancada do touro, que é bravo, à volta da arena, e o cavaleiro remata cravando um bom curto. Ovação. E repetiu muito bem, e muito aplaudido. Mais perseguições do touro, e uma precipitação que o cavaleiro redime num bom curto. Ovação. E ainda outro curto, e outra ovacão, à despedida. Procópio esboça «chicuelinas», o touro resiste a entrar, apesar dos bons campinos e do bonito jogo de cabrestos, e o cavaleiro é chamado, e chama por sua vez o «ganadero» com quem dá a volta à arena.

E voltamos a ver Fermin, à «verónica» e em dois faróis de grande potência iluminante, um de joelhos. Ovação. Bons lances de frente, por detrás, e mais palmas.



(Continua na pág. 15)



# MUNDO da BOLA

JORNALISTA desconhecido

## 4 ASSUNTOS

### De jogador a treinador

**1** Não basta ter sido um grande jogador para satisfazer no lugar de treinador. Esta função requer um mínimo de condições que podem não existir no homem que praticou a bola. Certamente, ter sido um *ás* auxilia a tarefa, fazendo com que os clubes e os adeptos tenham confiança e respeito no chamado treinador...

Mas não é suficiente. Quantos, aqui e em Espanha, mas especialmente no país vizinho, não têm falhado como treinadores — deixando, não obstante, rasto como jogadores?

### O árbitro que não corre...

**2** A propósito do árbitro suíço Wartburg, que dirigiu o encontro Portugal-Irlanda disse-se que, para arbitrar um encontro de futebol, não é preciso correr muito, vide hipótese do juiz de campo suíço...

Sem dúvida, Wartburg fez uma excelente arbitragem e correu, apesar de tudo, pouco, ou pouquíssimo...

A excepção não confirma a regra. Continuamos, pela nossa parte, a manter a opinião de que o árbitro, quanto mais perto está da bola, melhor verá como as coisas se passam!

### Preparação atlética...

**3** A Seleção Nacional tem-se apresentado, sempre, fisicamente apta. Apesar de não ser possível ir tão longe quanto, provavelmente, o Seleccionador desejaria, o onze português pôde suportar nos encontros que tem sido chamado a fazer o esforço exigido pela luta durante a hora e meia.

No dia em que os clubes puderem dar aos seus homens — só profissionais da bola! — uma preparação intensa, avançaremos um passo decisivo no bom sentido.

### Compreensão dos jogadores!

**4** Já lá vai o tempo em que se jogava ao acaso. Tudo muda, e o futebol não deixa de evoluir. Verifica-se hoje, nas lições teóricas, que o jogador português já tem grande consciência dos lances que sucedem em campo, procurando, por consequência, desenvolver a sua acção de modo deliberado e de forma a bater com facilidade o seu adversário. O jogo de acaso cede o passo ao estudo e à consciência em matéria de futebol.

## SOBRE O GRUPO NACIONAL

### Do passado ao presente ORIENTAÇÃO ACTUAL

**D**ISPUTAMOS há dias o último encontro Internacional da presente época. O *team* nacional saiu vencedor, e mais uma vez ficou provado que podemos derrotar, hoje por hoje, seja quem for, na certeza de que faremos figura honrosa. Se não importa ganhar ou perder, em desporto, é indiscutível que as derrotas muito desniveladas são aborrecidas...

Por isso, mesmo, as pesadas derrotas sofridas pelo Grupo Nacional contra a Espanha lançavam o futebol português na maior das amarguras, podendo dizer-se que, a tal respeito, começou uma era nova no ano transacto nas relações entre os dois países, e foi pena que os nossos vizinhos espanhóis não se tivessem decidido a visitar-nos na temporada que acabará dentro de dias.

Fala-se agora na realização do Portugal-Espanha lá para Novembro, e parece-nos que a data, a ter confirmação, será o menos indicada para o efeito. Os espanhóis começam logo com as Ligas, a sua mais importante competição, pondo em movimento todo o país, e nós pelos campeonatos distritais. Os jogadores só estão em forma para o Nacional, e a constituição do Grupo torna-se mesmo muito difícil. Não nos devemos esquecer que temos de fazer tudo para mantermos o nível a que nos elevou as últimas vitórias. Digam o que disserem aqueles que aos factos parecem não ligar muita importância, entre o Portugal-Espanha de 1942, em Bilbao, e o da época passada, há uma grande distância. Olhe-se hoje para o *team* nacional com o melhor dos cuidados, e todos os críticos são unânimes em afirmar que o problema merece toda a atenção. Ainda que toda a atenção é pouco... Segundo quase todos, e parece-nos bem, já não estamos no tempo em que se pretendia, em primeiro lugar e acima de tudo, vencer, importando agora basear os triunfos na qualidade do jogo!

fechamos, no entanto, a temporada, razoavelmente, e o balanço não deixa de alegrar-nos: um empate com a R. A. F. e duas vitórias, respectivamente, contra a França (que derrotava depois a Inglaterra) e contra a Irlanda.

O *team* nacional desiludiu vários críticos, cujo tom de comentário é francamente desanimador e está em flagrante contraste com o seu parecer, quando, no passado, perdíamos... Para eles chega a não ter importância o facto de perder ou ganhar, em sua opinião, mere caso de sorte. Certamente, a sorte do jogo influi nos resultados, mas quer-nos parecer que tal factor só favorece quem merece ser auxiliado...

A verdade é bem diferente. Temos hoje um Grupo Nacional que se apresenta ligado nos seus movimentos e forte na conjugação dos seus sectores. Grupo com uma base firme e segura, aproveitando-se tanto quanto possível a orientação clubista e o rendimento dos treinadores. É curioso verificar-se, por exemplo, que a última linha da frente internacional era formada por cinco elementos de diferentes clubes, e, não obstante, eles ligaram regularmente.

Os esforços no sentido de dar conjunto à equipa nacional são evidentes. Não queremos envolver-nos em questões — para não nos vermos forçados a por o nosso nome por baixo desta desprezível prosa, e esta página tem características que não o consente. Todavia, o propósito do que se tem passado ultimamente no que se prende com o Portugal-Irlanda, têm por certo os jogadores colhido alguns ensinamentos e aprendido a respeitar os críticos. Nós, que julgamos saber como eles pensam, também achamos curioso o assunto. Curiosíssimo!

## CORRE QUE...

Sempre se confirma a disposição em que se encontram alguns clubes de Lisboa no sentido de trazerem jogadores da Província.

♦♦ Deve realizar-se na época do desporto o congresso da Federação de Futebol.

♦♦ Em Espanha, o treinador Ricardo Zamora deixou o Atlético Aviçã e passou-se para o Celta de Vigo.

♦♦ Desidério Hertzka, irmão do Lippo, vai para o Oihanense. Deste modo, os dois irmãos ficam perto um do outro.

♦♦ O desafio Portugal-Irlanda, cuja receita ainda não está definitivamente apurada, deve render cerca de mil contos.

♦♦ O prémio relativo ao último "match" internacional foi igual para efectivos e suplentes, nada menos nada mais de três mil escudos.

♦♦ O grupo Lisboaeta de juniores foi organizado por Isaac Squerra, antigo dirigente do Sporting.

♦♦ Martinho de Oliveira, da Comissão de Recuperação da Federação, não podia ter recebido de melhor forma os irlandeses. Todos, sem excepção.

♦♦ Realizou-se, ou vai realizar-se, em Coimbra, uma reunião de Associações Regionais, para tratar dos campeonatos distritais.

## Há resposta para tudo...

P. 393 — Poderão os jogadores portugueses ser considerados profissionais? Teria o antigo jogador do F. C. do Porto, Waldemar, sido profissional? (De José Costa, de Lisboa).

R. 393 — Os jogadores portugueses recebem o seu ordenado mensal nos clubes, maior ou menor, conforme as disponibilidades clubistas. Mas todos recebem.

No tempo de Waldemar vivia-se em regime de amadorismo, mas já nessa época muitos jogadores faziam vida pela bola. Waldemar deve considerar-se amador.

P. 394 — E verdade o jogador António Bentes ter só 18 anos?

P. 395 — Porque lhe chamam coimão, sendo ele de Portalegre? (De Um alentejano).

R. 394 — Sim senhor.

R. 395 — Não se exalte. Chamam-lhe coimão por ele estudar em Coimbra, pela mesma razão que o senhor lhe podia chamar portalegrense, por ele viver em Portalegre. O simpático jogador nasceu em Braga.

P. 396 — Um amigo meu disse-me que Capela iria jogar na próxima época para a Académica. Será verdade?

P. 397 — Qual o trio defensivo melhor: do Belenenses, do Sporting ou do Benfica? (De Um belenensista tondelense).

R. 396 — Capela está no Belenenses, mas não nos repugna nada aceitar a ideia da sua transferência para a Académica...

R. 397 — O trio defensivo mais homogéneo deve ser o do Belenenses.

P. 398 — Vasco e Feliciano, do Belenenses, não dariam o rendimento suficiente na defesa, na linha nacional?

P. 399 — Não seriam Gomes e José Pedro, do Belenenses, dois óptimos elementos para a Seleção Nacional?

P. 400 — Não acha que, talvez, Armando fosse mais útil ao Belenenses, no posto de avançado-centro, que Andrade?

P. 401 — Qual o melhor: Capela ou Martins; Valongo ou Barrigana, Vasco ou Cardoso? (De A. A. P., Um belenensista acerriano e natural de Franco).

R. 398 — Estamos convencidos da afirmativa.

R. 399 — Gomes, menos. José Pedro foi até citado pela crítica a propósito do último encontro internacional.

R. 400 — Andrade é um jogador que está a fazer-se. De Armando já se sabe do que é capaz.

R. 401 — Capela, Barrigana e Cardoso.

P. 402 — Quantos sócios tem o Benfica e quantos tem o Sporting?

P. 403 — Qual a menor quota de cada grupo? (De Um sportingista mealhadense).

R. 402 — O Benfica tem 15.000 sócios, e o Sporting caminha para os dez mil.

R. 403 — Esclareça melhor a sua pergunta...

# Vitória de Custódio Reis

## no III Circuito de Torres Vedras

**T**RIUNFANDO no III Circuito de Torres Vedras — essa magnífica prova que o União Torreense há três épocas promove com uma persistência e um carinho dignos dos maiores louvores — o novo sportinguista Custódio dos Reis, um lusitano naturalizado francês e que agora veio a Portugal para correr pelos «leões», teve sem dúvida estreia auspiciosa no nosso país. É certo que a vitória de Reis foi amplamente «consentida» pelo seu companheiro João Lourenço, que, vendo-se livre do mais perigoso adversário — o «iluminante» Eduardo Lopes, que abondonaria por avaria — pôde dar-se ao luxo de disputar a última embalação com o sorriso nos lábios, sem forçar, nem sequer tentar adiantar-se ao novo colega de equipa. No entanto, mesmo assim, Custódio Reis fez prova igual à maioria dos corredores, que chegaram ao «sprint» final agrupados no primeiro pelotão, e isso deu-lhe o direito de poder considerar-se justo aspirante ao triunfo.

De facto, há que atribuir valor igual ao comportamento de Reis, Lourenço, Djilalli, José Martins, Rebelo, Baltasar Rocha, Quadros, Tavares da Silva, Gaspar Paulo, Pais Cabral, Pinho Ribeiro e Túlio Pereira. Analisado o porte destes estradistas, que vieram a classificar-se consciente e a ordem por que os descrevemos, mas apenas distanciados por escassos metros, há que os colocar a todos num plano de mérito absoluto, e isto porque todos se iguaram na disputa da prova. Mas se pretendermos ordenar o merecimento da sua acção numa escala de valores relativos, então temos que destacar Djilalli, pela sua

combatividade, mercê da qual foi primeiro em vinte e uma das cinquenta voltas; José Martins e Túlio Pereira, por se mostrarem animosos a recuperar o atraso que sofreram com «luros», e ainda Pinto Ribeiro, e Driss, o primeiro por se não intimidar com a classe dos adversários, lutando sempre com brio, e o segundo porque, mesmo a «carburar» mal, soube revestir-se da necessária perseverança para vencer a adversidade e terminar a corrida, a fim de classificar a sua equipa.

Agradou em absoluto este III Circuito, quer como organização que como pugna desportiva.

Policimento perfeito, ordem no local da meta e deferências especiais para os representantes da imprensa, tudo lhes facilitando para bom desempenho da sua missão. E, como competição, a prova de domingo, conquanto o vencedor ficasse a 1 m. 2s. do «record» — fixado em 1944 por Eduardo Lopes, teve grande valia, porque, embora disputada em dia de temperatura bastante elevada e forte vento contra na recta de chegada — vento que pouco beneficiava a marcha no resto do percurso — mesmo assim, ainda se gas-

lou, desta vez, menos 1 m. 40 s. que o tempo de 1945. A Djilalli, que imprimiu velocidade desusada nas primeiras seis voltas se deve a boa média deste ano.

Certo em todos os pormenores a tática usada pelos homens das duas mais fortes equipas em luta: Sporting e Iluminante. Como acelerável a mantida pelos agrupamentos menos apetrechados para vencer: Lisgás e Sangalhos.

Enquanto Djilalli forçava a marcha, numa tática de desgaste, homens rápidos do Iluminante mantinham-se na defesa, seguindo nas rodas dos sportinguistas «roladores», que se viam impelidos a perseguir o marroquino. Os «leões», vindo que Rebelo, talvez mais rápido que Djilalli, seguia colado a este mas adiantado do pelotão, renunciaram à luta a fim de obrigarem os «iluminantes» a ir no encalço dos fugitivos. Por seu turno

os «sangalhenses» e «lisgasenses», reconhecendo a impossibilidade de dar réplica aos adversários — a tática de «esticções», limitaram-se a «rolar» forte para dilucidar a «recolagem» dos atrasados, numa atitude que só não deu seus frutos, porque Martins se mostrou persistente e o Sporting não teve o «santo de costas» nestas provas, para ele sempre tão ingrato...

Assim, os «leões» venceram com o maior justiça, por equipas, mas a Iluminante — cuja equipa não passou actualmente a homogeneidade de conduta igual ao seu real valor atlético — só por acaso conquistou o segundo lugar, dado que três dos seus melhores elementos — Lopes, Rocha e Jorge Pereira — haviam desistido. O Lisgás em terceiro e o Sangalhos em quarto mais não podiam fazer em prova rápida como é a de Torres, onde os «descologens» se tornam pouco possíveis.

## Manuel Gonçalves e Herculano Constantino

### vencedores nas segundas provas do Prémio da Primavera

**C**OM uma sequência que merece elogios, os quatro principais clubes de Lisboa que possuem secções de ciclismo promoveram no domingo o segundo série de provas que constituem o Grande Prémio da Primavera, a feliz iniciativa que visa manter em actividade os estradistas iniciados e amadores.

Qualquer das provas reuniu número avultado de concorrentes — tentos como nas primeiras competições, numa demonstração de interesse, não só pelo resultado de cada corrida, como também pelo conjunto das cinco pugnas que completam o G. Prémio. Pena foi que os percursos escolhidos não satisficam cabalmente uma das finalidades da organização, que é sem dúvida permitir que os novos se revelem ou imponham os seus melhores méritos. Porque, no domingo, o mau estado dos caminhos provocou tanto ou mais desgaste que as próprias competições...

A corrida de amadores teve começo frouxo, em parte admissível, devido ao vento forte que soprava de frente. Mas logo que um choque entre vários corredores colocou fora de combate Luís Santos e provocou atraso em Joaquim Nunes — ambos favoritos — a luta espavilou de tal maneira que, no Sobral, só nove homens seguiram no primeiro grupo. Este acidente de corrida serviu afinal para definir valores, pois na vanguarda ficaram os melhores elementos da prova, todos com probabilidades de ganhar a competição. De facto, Ma-

nuel Gonçalves, Manuel Catarino e Alberto Alves, Camilo de Oliveira, Guilherme Jacinto, J. Maria Ferreira e Carlos Dias foram os mais brilhantes competidores e os que mantiveram sempre luta entre si. Esta luta seria ainda mais equilibrada se Catarino não tem «furado» em Loures. Livre do adversário que o havia batido no Porto, Manuel Gonçalves — um futuro independente de classe — esqueceu-se a toda a gente em Carriche ganhando com merecimento, como merecida foi a vitória do Campo de Ourique por equipas. Quatro homens nos seis primeiros chegados é superioridade convincente.

Também pertenceu ao simpático Caco o triunfo individual na prova de Iniciados — uma competição preme de fases de elevado valor atlético, nas quais sobressaíram Herculano Constantino — o vencedor — que teve final de corrida brilhante; António Baptista, Eugénio Coelho, Humberto Cunha — um rapaz com um brio pouco vulgar; José Gonçalves, Manuel Nunes e Francisco Monique.

Por equipas, a vantagem do Benfica foi incontestável. Os «encarnados» têm agora 9 h. 54 m. 20 s. no conjunto das duas provas, enquanto o Sangalhos já está creditado com 10 h. 2 m. 28 s.

E agora há que esperar pelas corridas de domingo, pois elas devem definir já posições definitivas quanto aos resultados individuais e por equipas, quer em iniciados quer em amadores.

Gil Moreira

### BOXE PROFESSIONAL NO COLISEU

## Jorge Larsen vence Juanito Martin por pontos

**A** sessão nocturna realizada no Coliseu dos Recreios durante a noite de sexta-feira e arbitrariamente reclamada como um Portugal-Espanha de boxe profissional, electuou-se perante larga assistência de público.

No primeiro combate, José Claudino Correia (57,800 kg.) perde a decisão pontual em benefício de Joaquim Diaz (56,800). O vencedor mostra possuir melhor técnica, mas o brio do português conquista-lhe a simpatia popular, mal justamente, aliás.

Claudino Correia possui a fibra voluntariosa que fascina o espectador, embora careça de aprender no ginásio os elementos basilares do jogo do soco.

Hoje erro, evidentemente, na extensão do combate, que devia ter sido de seis assaltos apenas. A falta de «fundo» de Correia patenteou-se mais uma vez.

Quanto à decisão do árbitro, achamo-la produto do livre arbítrio com que actualmente se atribuem os pontos aos pugilistas. O empate ajustava-se mais às circunstâncias...

Raul de Oliveira (61.100 kg.), apesar da vantagem sensível de peso que levou a Jesus Martins

(56.700 kg.), perdeu por fora de combate no 4.º assalto. A sua exibição convenceu-nos de que está pouco apto a sacrificar o físico, preferindo saber ao quadrângulo mal preparado. A desenvoltura do jogador espanhol nos assaltos iniciais tornaram-no receoso em extremo e as quedas do 3.º assalto foram consequência da sua falta de confiança.

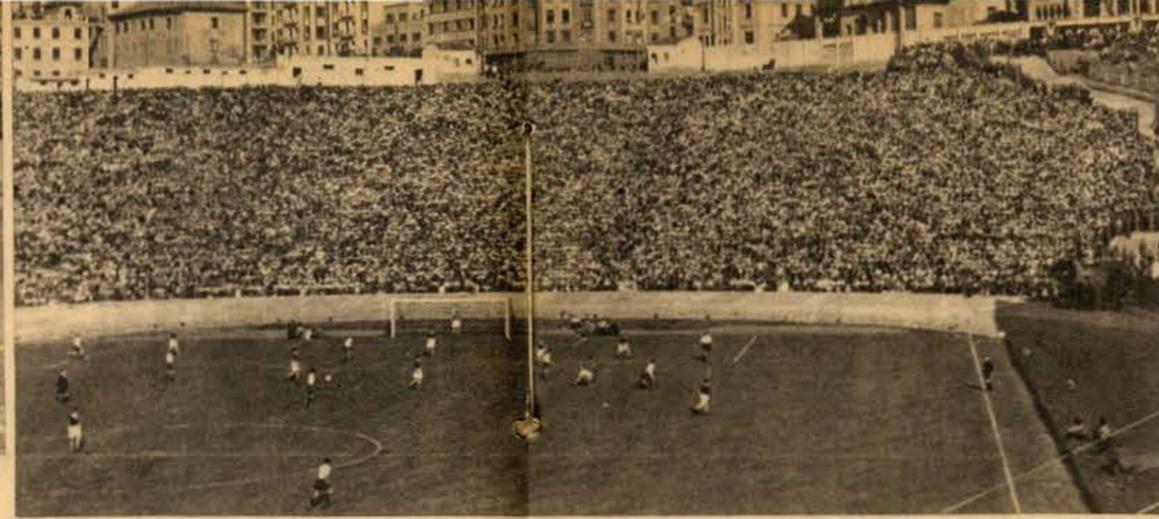
O combate de Young Cyclone com António Silva darou os oito assaltos previstos no programa. O português bateu-se melhor que Guilherme Martins, sendo de lamentar que descaire tanto da sua preparação. Até ao 6.º assalto soube dar réplica ao jogador visitante, mas, em seguida, foi largamente batido. Ainda que, tecnicamente, Cyclone pareça superior a Silva, o factor principal da sua vitória é a deficiente maneira como o português se apresenta a combater, permitindo-lhe aguentar, quando muito, cinco assaltos em veloz andamento.

O combate de Iando, entre Jorge Larsen e Juanito Martin, acabou pela vitória pontual do moçambicano.

(Continua na pág. 15)



A selecção de Espanha, com efectivos e suplentes, em número de dezoito



Um aspecto impressionante da assistência do topo norte. Os bilhetes esgotaram-se. Os jogadores estão em plena evolução



O grupo irlandês no Estádio Metropolitano



Eizaguirre defende, vendo-se ainda Aparicio interessado na luta!

# A IRLANDA ganhou à ESPANHA por 1-0

## A VALORIZAÇÃO DO FUTEBOL PORTUGUÊS



Um ataque de Eizaguirre sob as vistas de Walsh.



Em cima: Walsh ataca Eizaguirre, enquanto o médio Gonzalvo III parece pouco interessado. Em baixo: O caudilho na presidência de honra. A sua entrada foi acolhida com uma manifestação verdadeiramente apoteósica



Em cima: A jogada duvidosa! Os espanhóis afirmam: — foi «goal». Ainda se vê Martin, dentro das redes, depois da carga ao guarda-redes. Mas o árbitro estava bem colocado e não concedeu tento. Ele lá tinha as suas razões... Em baixo: Martin, com impetuosidade, avança para a baliza da Irlanda



Os capitães e a troca de galbardetes



Sloan, ferido no sobrolho, sai do campo por instantes, e é cuidadosamente tratado



# A vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

## BOXE

### Joe Louis continua campeão do Mundo

EM Nova York, realizou-se na noite de 19 do corrente o encontro de boxe entre Joe Louis Barrow, o preto detentor do campeonato mundial, e William (Billy) Conn, pretendente ao título.

Após assaltos lentos e monótonos, durante os quais se verificou a quase capacidade ofensiva do branco, Joe Louis aplicou os golpes definitivos no round seguinte.

Assistiram perto de cinquenta mil pessoas e a receita ascendeu a quase dois milhões de dólares!

A Comissão Atlética do Estado de Nova York ordenou a suspensão do pagamento das bolsas a ambos os pugilistas e está procedendo a um inquérito ao combate.

## NATAÇÃO

### Novo recorde europeu dos 100 metros

ALEX JANY, o veloz nadador de Toulouse, de 17 anos, que mede 1,60 e tem 94 quilos de peso, bateu em Marselha, na piscina do Cercle de Nadadores, o recorde europeu dos 100 metros (estilo livre), cobrindo a distância em 56,87. Tanto o recorde de França (57,85), que lhe pertencia, e o da Europa (56,88), em nome do nadador alemão Fischer, foram superados. O actual mínimo mundial pertence ao americano Allan Ford, com 55,9 segundos.

## TÊNIS

### A Taça Davis

PRINCIPIARAM as eliminatórias para disputa da Taça Davis na Zona Americana. Os Estados Unidos derrotaram as Filipinas e o México bateu o Canadá. Frank Parker e William Talbert, jogadores números 1 e 2 dos E. U. A., ganharam facilmente aos seus adversários.

A final realiza-se entre os irmãos Vega (México) e aqueles tenistas norte-americanos, no fim do corrente mês.

### A Taça Wightman

A Taça Wightman, disputada entre as melhores raquetes femininas inglesas e norte-americanas, terminou com um rotundo triunfo destas últimas por 7 vitórias a zero.

## NOTA DA SEMANA

FALANDO recentemente sobre problemas desportivos cuja solução o preocupa, declarou num discurso o sr. Naegelen, ministro da Educação Nacional francesa: «uma raça não pode ser forte, a nação deixa de ser fecunda e os povos carecem de capacidade se o corpo humano não for são e robusto».

Esta imagem literária, aliás intuitiva e mais ou menos repetida noutras ocasiões, parece um cliché; todavia, pode provar-se o contrário, isto é, o esforço orientado e persistente da Direcção Geral de Educação Física e Desportos da França está produzindo magníficos frutos, apesar das naturais dificuldades financeiras com que luta e do escasso tempo que leva a sua vigência.

Acima de quaisquer problemas mesquinhos de política esportiva, o organismo director do desporto francês preocupa-se a fundo com o aperfeiçoamento técnico e a formação dos quadros, definindo os métodos fundamentais da educação desportiva, masculina e feminina, organizando muitos estágios de monitores e treino de atletas nos dezasseis centros regionais existentes e no próprio Instituto Nacional.

Pelas declarações do Ministro da Educação Nacional, verifica-se que as 25.000 sociedades desportivas do país estão consideradas como ossatura do sport francês. Acima das actividades destes organismos estabeleceu-se uma vigilância médico-fisiológica regular, tornada obrigatória para todos os indivíduos de menor idade que pretendem tomar parte em provas de competição.

No orçamento geral do Estado, figuram créditos que permitem subvencionar os clubes e as federações, constando até que esses créditos foram elevados para 75 milhões de francos.

O cinema, a radiodifusão, espectáculos demonstrativos e a Imprensa têm sido utilizados em grande escala no sentido de melhorar o grau de preparação do público e dos desportistas franceses.

Eis o que se chama trabalhar útilmente em benefício da causa.

R. B.

## FUTEBOL

### A Taça da Vitória

NO Hampden Park de Glasgow realizou-se o jogo final da Taça da Vitória, reservada aos principais clubes escoceses, na presença de 88.000 espectadores. O Rangers, no fim do tempo regulamentar, tinha conseguido bater o Hibernians por 3 bolas a 1.

### Escócia, 3-Checo-Eslováquia, 1

PRESENCIADO por uma assistência de 45.000 espectadores, realizou-se em Praga o primeiro desafio de futebol entre as seleções da Escócia e da Checo-Eslováquia.

A equipa visitante efectuou magnífica exibição técnica, sendo muito ovacionada pela multidão. No fim do desafio, a Escócia estava vencedora por 3 bolas a 1. Distinguiram-se, pelo seu magnífico trabalho, Weir, marcador de dois tentos, e Smith, marcador do terceiro ponto escocês. No grupo checo-eslovaco o melhor jogador foi o guarda-redes.

## RUGBY

### A Inglaterra e Austrália empatam

EM Sidney (Austrália), efectuou-se o encontro entre as equipas representativas da Liga Inglesa de Rugby e da Liga Australiana. No fim do primeiro tempo, a Inglaterra dominava por 6-2, mas no final do desafio as duas equipas estavam empatadas com 8 pontos de cada lado.

## ATLETISMO

### Dois recordes mundiais batidos

ROBERTO FIGH, campeão americano em 1942, atirou o disco à distância de 54,96 metros, superando o recorde mundial, que pertence, desde 26-10-941, ao italiano Adolfo Consolini, com 53,34 metros.

O atleta preto Didiar cobriu 220 jardas (barreiras) em 22,5 segundos, melhorando também o recorde mundial desta prova.

## ANDEBOL

### O Barcelona campeão de Espanha

O famoso clube catalão F. C. de Barcelona ganhou, pela segunda vez, o campeonato anual de andebol do país vizinho. Desta feita, coube ao Esperança de San Sebastian dar-lhe réplica, mas sucumbiu por 4 tentos a 2.

Já na época anterior (1945-46), o actual titular conquistara o campeonato, vencendo o Sindicato Espanhol Universitário no jogo decisivo.

## CRICKET

### O Campeonato de Inglaterra

PROSSEGUE o campeonato inglês desta modalidade desportiva, o qual, como se sabe, é disputado entre os vários condados do país.

A frente da classificação encontra-se Lancashire, com 76 pontos, seguido de Yorkshire (64) e de Gloucestershire e Worcestershire, ambos com 52 pontos.

## GOLFE

### O Campeonato Americano

BYRON NELSON, Vic Ghezzi e Lloyd Mangrum empataram na ronda final para o Campeonato dos Estados Unidos (amadores e profissionais). Cada um destes jogadores adicionou 284 pontos, nas 72 covas do traçado, sendo necessário repetir a prova.

Se não fora a penalidade imposta a Nelson na 13.ª cova, originada pelo seu auxiliar quando tocou na bola acidentalmente, a vitória ter-lhe-ia pertencido. Este facto causou sensação.

## CICLISMO

### O Campeonato de Espanha de Fundo

REALIZOU-SE o Campeonato de Espanha de fundo, participando na prova dez concorrentes. O percurso era constituído por seis voltas ao Circuito de Perdizes, que tem 25 km. de extensão.

No fim da corrida, a classificação dos corredores estabeleceu-se do seguinte modo:

1.º Bernardo Ruiz, em 4 horas, 5 minutos e 1 segundo (média horária: 36 quilómetros e 732 metros).

2.º António Sancho, em 4 horas, 7 minutos e 7 segundos.

3.º Bernardo Capó, em 4 horas, 13 minutos e 8 segundos.

O vencedor é um jovem fundista de 21 anos de idade, que já era campeão dos ciclistas independentes.

Berrendero, o favorito da prova, abandonou à 5.ª volta.

## O DIA DE DOMINGO

## fol de propaganda intensa

## Belmiro Santos vencedor da prova de mar

Belmiro Santos, do Estoril Praia, dentro das suas características habituais de «estilo» e de endamento, triunfou na prova de mar de 500 metros com inteira justiça, destacando-se logo à partida e não mais perdendo essa posição, antes pelo contrário, aumentando o seu avanço sobre Fernando Salgado — seu companheiro de clube — à medida que se aproximava da meta.

Os nadadores mostraram-se, no entanto, como é natural, pouco familiarizados com o mar. Além disso, a falta de competição deve ter influido bastante no fraco andamento da prova. Aguardemos, pois, as futuras organizações da A. N. L., a primeira das quais, no primeiro domingo de Julho, com uma corrida na distância de 1.000 metros.

## O novo recorde de Franco do Vale

Uma vez que as provas do festival do Algés foram muitas, e não há possibilidade de entrarmos em pormenores, temos que focar apenas os pontos principais da sessão de domingo último.

Quatro ligoras nos surgem, assim, em grande plano: João Franco do Vale, João Pereira Bastos, Armando Ferreira Rodrigues e Guilherme Patróni.

João Franco do Vale baixou para 1 m. 19,2 s. a marca dos 100 metros-costas, que já lhe pertencera com 1 m. 19,8 s. João Franco do Vale é um nadador em franco progresso, com excelentes aptidões, especialmente para o «estilo» costas.

Pereira Bastos, outro bom especialista de «costas», creditou-se num «tempo» de excepcional valor para o nosso meio: 1 m. 17,8 s., que o coloca como o melhor português depois de Mário

Simas. No dia em que Pereira Bastos se especialize — e a especializar-se deve ser em «costas» — os seus «tempos» mais devem descer ainda, pois que qualidades e espírito de persistência não lhe faltam.

Armando Ferreira Rodrigues igualou um dos mais antigos recordes portugueses — o dos 100 metros-brasos principiantes, creditando-se, portanto, em 1 m. 27. O recorde está, pois, ao seu alcance...

Guilherme Patróni correu normalmente os 100 metros-livres em 1 m. 44 s. É um campeão em plena «forma», na plena posse de todos os seus admiráveis recursos.

A jornada de domingo é das que deixam saudades. Mas outras virão que a façam esquecer — porque o Algés não para...

Abreu Torres

## COMENTÁRIOS...

lros mais importantes das nossas diferentes colónias.

A competição triunfaria, ainda que outras razões não houvesse pelo seu alto significado moral, mas não se julgue que seria desprovida de interesse própria e desportiva, pois em algumas modalidades a luta seria renhida e o resultado incerto.

Nenhuma organização poderia ser mais simpática ao espírito nacionalista do nosso bom público do que esta reunião dos elementos representativos da família distante no «salão de honras» dos desportistas, que até agora lem recebido somente amigos estrangeiros.

Incalculáveis seriam os benefícios em projeção futura alcançados por intermédio duns Jogos Imperiais. Aheando-nos mesmo da característica sentimental da reunião, do seu simbolismo portuguêsista, ela proporcionaria aos dirigentes superiores do desporto nacional as primeiras bases para o estudo do recrutamento efectivo e completo de todos os nossos recursos para efeito de representação internacional. Até à data esta tem assente unicamente sobre os elementos praticantes no Portugal continental, alguns dos quais — Gentil dos Santos, Karel Polt, Guilherme Espírito Santo, Fernando Peyroteo, por exemplo — nas colónias haviam nascido ou iniciado a sua aprendizagem.

Quantos outros grandes campeões não poderemos descobrir nesses nossos vastos territórios, no dia em que forem convenientemente cuidadas a pesquisa e a preparação técnica?

## Proveitosa iniciativa

A Federação Portuguesa de Andebol solicitou já autorização superior para trazer a Portugal o clube campeão da Suíça, da modalidade, o qual tomaria parte em dois encontros, um em cada cidade onde o jogo é praticado.

A proposta feita ao organismo português dirigente do andebol pelo grupo suíço é altamente vantajosa mesmo, pois, ao que consta, apenas exigem a indemnização das despesas que façam desde a entrada na nossa fronteira até que a transponham de novo para sair.

A Federação conseguiu chegar a acordo com ambas as Associações regionais e abalanzou-se a aceitar o oferecimento, pelo que merece incondicionais felicitações.

Não esqueceu ainda, apesar de volvido mais de ano e meio, o enorme êxito que alcançou junto do público o encontro com a selecção de Madrid; encheu-se o campo das Salésias, o entusiasmo e o interesse nunca esmoreceram e, sobre um notável triunfo desportivo, conseguiu-se a melhor propaganda do andebol.

Com a visita dos jogadores suíços prestar-se-á divulgação da modalidade novo impulso, a par da oportunidade não menos importante de ajuizarmos da classe do andebol nacional, frente a adversários com categoria pro-

vada em competições internacionais.

Nos jogos da Olimpíada de Berlim, a equipa representativa da Suíça classificou-se em terceiro lugar, precedida pela Alemanha e Áustria, precedendo a Hungria, a Roménia e os Estados Unidos.

Na série eliminatória foi derrotada pelos austríacos por 14-3 e venceu a Roménia por 8-6; na série final foi primeiro novamente batida pela Áustria, mas por menos expressivo resultado, 11-6, depois pela Alemanha — a formidável triunfadora do torneio — por 16-6, que foi o segundo melhor resultado conseguido contra os campeões olímpicos.

No jogo para apuramento do terceiro classificado, os suíços conseguiram bater os húngaros por 10-5, levando a sua bandeira à honra do mastro olímpico.

Nada conhecemos da actividade helvética durante o longo período da guerra, mas há duas semanas derrotaram a equipa nacional francesa, precedentemente vencedora do Luxemburgo; após uma partida animada, em que demonstraram melhor técnica e maior experiência, o grupo suíço ganhou pela expressiva marca de 11 bolas a 3.

Tais são os andebolistas no país cujo campeão nacional se propõe visitar-nos em breve; preparem-se os amadores da modalidade e todos os apreciadores de bom desporto, porque o espectáculo não será de perder.

TRES reuniões notórias, qualquer delas com as suas características próprias, ficaram a assinalar a actividade da modalidade, no domingo último.

Ao cabo de alguns anos de interregno, voltou-se ao mar. A Associação de Natação de Lisboa deu-nos, assim, a sua primeira organização da temporada, num local de certas tradições na natação lusitana: Belém.

O Sport Algés e Dafundo, para fecho das suas comemorações de aniversário, organizou mais um festival inter-sócios, desta vez para disputa da taça «Comissão de Obras», numa atitude de gratidão para com esses dedicados pioneiros.

E, por seu turno, o Clube Desportivo de Paço de Arcos organizou, também, um festival entre os seus associados.

O Paço de Arcos, a simpática colectividade da linha de Cascais, renasce, assim, para a prática da modalidade, num belo esforço de que já dera provas no festival da Federação, organizado no passado dia 10 e que lhe mereceu a concessão de uma medalha especial por parte daquele organismo.

Saudemos, pois, o Paço de Arcos, estimulando-o, com o nosso apoio, a prosseguir na sua obra, a todos os títulos louvável.

## Uma ideia que revive

NA interessantíssima conferência descrita da sua viagem por Angola e S. Tomé, o sr. dr. António Ribeiro Ferreira preconizou que o desporto fosse aproveitado como factor de aproximação entre os portugueses da metrópole e os seus irmãos de além-mar.

Justificou o ilustre presidente do Sporting a sugestão pelos factos que observara durante a sua digressão, pois por toda a parte encontrara grande entusiasmo pela prática dos vários desportos, a par do maior interesse — verdadeira paixão, mesmo — pelos acontecimentos desportivos do continente.

O alente do dr. Ribeiro Ferreira, conclusão lógica das observações do seu espírito esclarecido e analista, faz reviver uma ideia já há alguns anos exposta no antigo jornal da especialidade «Os Sports» e que não encontrou o apoio prático indispensável para triunfar. Os acordos letrados foram abundantes, mas por aí se ficou.

Recordamos assim o projecto de celebração em Lisboa dos jogos Imperiais Portugueses, no cenário grandioso do Estádio do Jamor, os quais seriam precedidos, para efeitos de propaganda estimulante, pela visita de agrupamentos continentais aos cen-

Boa intervenção de Baptista, apertado por Catolino



Correia prepara-se para a defesa



Catolino procura dominar o adversário



# OS ALCANTADENSES finalistas da "TAGA"

Outra vez Correia em jogo. O Porto apertava...



Barrigana defende à vontade

Uma entrada de José Lopes, Correia Dias, Catolino e Baptista, observam o lance



Barrigana defende a pontapé

Correia Dias é desarmado por Baptista



Outra defesa segura de Correia





# CICLISMO

## ANDEBOL

O campeonato nacional de andebol entrou na segunda jornada. Os dois clubes do Porto não conseguiram ainda aproximar-se dos lisboetas, que podem ganhar esta época, e pela primeira vez, o campeonato máximo.

Publicamos o grupo do Vigotosa, que no domingo foi derrotado 8-5 pelo Sporting, agora com dois jogos e duas vitórias. Segue-o o G. D. da «Cuf», com 5 pontos feitos fora de casa.

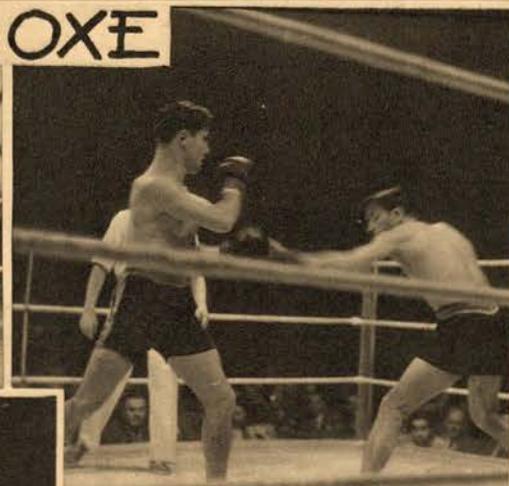


Em Lisboa e em Torres Vedras efectuaram-se provas velocipedicas.

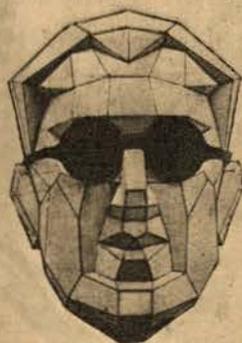
Manuel Gonçalves e Herculano Constantino, do Sangalhos e do Campo de Ourique, ganharam as corridas do «Grande Prémio da Primavera».

Nas provas de Torres Vedras, o Sporting apresentou um novo corredor: Custódio dos Reis, vencedor do Circuito, de que publicamos as 5 fases de cima.

## BOXE



No Coliseu dos Recreios efectuou-se nova sessão «Internacional», tendo como combate principal o encontro Juanito Martin-Jorge Larzen, campeão nacional. O pugilista moçambicano ganhou aos pontos, e com absoluto merecimento, vendo-se nestas fases aspectos da luta, que despertou o interesse público.



## GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1868  
 Depositária das lentes "ZEISS"  
 Binóculos, Termómetros  
 Bússolas de marcha, etc.  
 Aparelhos de Precisão  
 138, RUA DA PRATA, 140  
 Telefone 2 2629 LISBOA

### MOSAICOS

#### nortenhos...

OS CLUBES portuenses foram derrotados no campeonato nacional de andebol, na primeira jornada. A derrota do Vigorosa surpreendeu muitíssimo, visto esperar-se que o F. C. P., esta época com «team» menos valioso, não retirasse vencedor na visita a Lisboa.

Não será arrojado supor que o nacional de andebol sempre passe este ano para Lisboa. No Porto — apenas se tem feito barulho e nada mais. Quanto a trabalhos práticos, nada...

♦ O F. C. do Porto é campeão absoluto de ciclismo! Nenhum clube português conseguiu igualá-lo, visto que, por intermédio de Fernando Moreira, José Sá e Joaquim Costa, conquistou todas as provas nacionais. Sinceros parabéns ao popular clube nortenho. Assim se trabalha.

♦ CAIADO, o novo internacional do Boavista, efectuou um belo jogo em Lisboa, segundo informam alguns jornais. Folgamos com isso. O seleccionador nacional fez uma «descoberta», e por certo ninguém esperava que o jovem portuense produzisse tão interessante demonstração de valor. O público lisboeta desconhecia com certeza Caiado. Parabéns ao rapaz e ao seu clube.

♦ O TENIS DE MESA deixou de ser praticado pelo F. C. P. Disse-nos um dirigente do popular clube azul branco: «tudo fizeram para o nosso abandono. Há no porto uma vaga de animosidade injustificável, a mania de castigar e irradiar a torto e a direito, chegando-se aos mais deploráveis excessos. Procura-se atingir o F. C. P. de qualquer maneira. Assim, não se pode colaborar com determinadas entidades. É impossível».

♦ AO sr. Director Geral dos Desportos, Educação Física e Saúde Escolar vai ser apresentada uma exposição detalhada, pelo F. C. do Porto, a fim de se esclarecerem muitos casos dignos de reificação. Devem vir à baila certos incidentes no basquetebol, andebol, ténis de mesa, etc. O popular clube está disposto a reagir, indo até onde for possível. Trata-se de uma colectividade que tem contribuído largamente para o prestígio de todas as modalidades desportivas e não é justo que o esqueça quem de direito.

♦ OS JUNIORES do Académico conquistaram o campeonato de atletismo. Vitória indiscutível, demonstrativa do seu trabalho proficiente e seguro. O Académico tem a sua história no atletismo nortenho, como no atletismo nacional, e na sua propaganda se tem envolvido de maneira a justificar os aplausos mais entusiásticos.

## ARTUR DE SOUSA

### o inimitável "Pinga" vai despedir-se do futebol

**S**EGUNDO notícias que nos chegam, Artur de Sousa, o grande Artur do F. C. do Porto e do futebol nacional, vai despedir-se do público, no dia 7 de Julho próximo. A festa, ainda sem programa definitivamente delineado, deverá realizar-se no Estádio do Lima.

Julgamos que o público do Porto, de todo o Norte, não deixará de prestar sincera homenagem ao «Pinga». Bem a merece o grande avançado português, um homem que honrou como poucos o futebol nacional.



ARTUR DE SOUSA

Parece-nos, entretanto, salvo opinião mais autorizada, que a data não terá sido bem escolhida. Em 7 de Julho, estaremos já no defeso, em pleno Verão, e é muito possível que nem todos possam estar presentes. Mas talvez não seja assim.

Artur de Sousa merece indiscutivelmente ser feliz na sua despedida do futebol. O público do Porto, do Norte, do país, tem o dever de o aplaudir na hora da retirada, pagando-lhe nesse dia a emoção sentida em muitas tardes de glória.

Ninguém por certo deixará de corresponder a essa obrigação. Artur de Sousa, o homem que durante muitos anos impressionou pelo seu virtuosismo, envergando a camisola nacional, do Norte e do F. C. do Porto, não poderá ser esquecido, e oxalá seja compensado neste dia. Faremos tudo para que assim suceda. Artur foi um «grande» do futebol português!

A Federação Portuguesa de Futebol ajudará por certo. Todas as entidades oficiais, clubes e atletas lhe devem também segura prova de simpatia, de muito reconhecimento, e não nos repugna acreditá-lo, portanto, que Artur de Sousa dê por bem empregado o seu esforço em favor do futebol.

No dia da despedida, Artur de Sousa não será apenas o inimitável «Pinga» do F. C. do Porto. Vai receber as suas prendas, pequenas recordações de admiradores fiéis. Muitos olhos se humedecerão, principalmente os olhos daqueles que o viram evoluir como um astro de primeiro plano, como um atleta nobre, um jogador-artista, — o melhor jogador que até hoje envergou a camisola honrosa do F. C. do Porto!

### ACTUALIDADES...

## Os árbitros de andebol

**A** modalidade está prejudicadíssima com certas atitudes dos árbitros escolhidos para dirigirem os jogos do campeonato nacional. Primeiro o sr. Teis! e depois o sr. Carlos Lanceliro, este especialmente, deixaram no Porto a mais desagradável das impressões.

Assim, não virá longe o dia em que todo o trabalho se perca ingloriamente. Não sabemos como classificar o trabalho dos juizes de campo que nos vieram de capital. Que se dê mostras de insegurança visíveis, tantos anos depois de se assistir a jogos do campeonato nacional — é já a oitava época — parece-nos demais!

É preciso que o andebol portu-

guês se prestigie definitivamente. Se os árbitros continuam a fazer vilórias e derrotas como lhes apetece, mal vai para o seu futuro. Que pensa a Federação? Como reage a Comissão Central de Árbitros?

Não se queixem de incidentes que possam surgir. O público é bom e é mau. Mas, às vezes, não é mau por «conta própria». Contribuem para isso certas arbitragens, e se não se evita quem de direito — seria mais conveniente dar novo — seria a tudo isto. Pelo menos — terminem-se com os campeonatos até que apareçam juizes de campo à altura das suas responsabilidades.

Parece duro, mas é assim mesmo!

### UM DIRIGENTE



**Joaquim Alves Teixeira** — eis um dirigente! É um dirigente de alto e baixo. O público desportivo que ouve falar do Vasco da Gama, ou que o vê jogar, talvez não saiba que o seu presidente, o seu director técnico, a pessoa que «mete o bedelho» em tudo que se relaciona com o popular campeão portuense, é o nosso camarada Alves Teixeira!

Nome conhecido no jornalismo, pessoa que trata por tu diversas modalidades, andebol e basquetebol especialmente, tem lido inimigos, adversários, gente que discorda de muitas atitudes suas, como crítico, — mas que nem por sombras beliscam a sua capacidade, o seu parecer honesto, a sua firme vontade de cumprir.

Alves Teixeira tem desempenhado funções distintas em vários conselhos técnicos. No andebol ainda há pouco viu contrariada uma decisão sua, mas ninguém o pode julgar parcial ou menos inteligente nas suas atitudes. Alves Teixeira é um homem que fica sempre de bem com a sua consciência.

Tem um clube. Mas não o nega. Defende-o quanto pode, porque é obra sua, porque o Vasco da Gama, sem a sua assistência valiosa, pouco brilharia por certo no desporto nacional. Passou por alguns dissabores, talvez por alguns bem desagradáveis. Porquê? Porque se devotou, sózinho, entusiasticamente, à expansão de um jogo, à propagação de um clube modesto mas valioso.

Pode não se concordar, muitas vezes, com Alves Teixeira. Naturalíssimo. Mas o que não deve é esquecer-se o seu esforço, a sua extraordinária vivacidade, o seu espírito de sacrifício, o seu acrisolado amor ao organismo que orienta, a sua paixão pelo basquetebol, com certeza muito esquecido se não fora o seu trabalho de todos os dias.

O Vasco da Gama deve-lhe a sua existência. O Porto, indiscutivelmente, muito do seu prestígio no basquetebol. Logo — prestemos homenagem a tão dedicado homem de desporto!

## Boa vitória do BENFICA nos Nacionais de Júniores

**A**s duas jornadas dos Nacionais de Júniores, às quais os atletas do Porto vieram trazer animada colaboração, decorreram com interesse desportivo, mas nunca conseguiram atingir nível de verdadeiro entusiasmo.

A organização satisfaz, embora ofereça motivo a alguns reparos, por onde começaremos estes comentários.

Em primeiro lugar, diga-se que o material empregado no lançamento do dardo era indigno duma competição oficial de categoria; se qualquer dirigente, em vez de se confiar na intervenção de um qualquer negociante sem escrúpulos, tivesse ele próprio ido escolher os dardos, com certeza não teria trazido para uso dos infelizes concorrentes aquelas ripas empenadas e «gateadas».

Segundo ponto a focar: é indispensável a quem desempenha funções oficiais dar o exemplo do respeito pelas exigências do esforço atlético dos participantes. Não se compreende muito bem que o «alto-falante» peça silêncio ao público porque um saltador em altura se prepara para tentar o pulo, enquanto na pista o juiz de partida e o juiz árbitro apitam desesperadamente para chamar os finalistas de qualquer corrida.

Outro problema que requer solução diferente é o da elaboração do programa; todos os domingos é o júri obrigado a parar na sequência das provas, porque surge protesto dum chefe de equipa (alguns são excelentes especialistas do género) fundamentado em alteração do programa. Ainda na jornada última houve que es-

perar pelo início do disco para dar a partida aos corredores de 3000 metros.

O remédio é fácil e adoptado nos países mais desembaraçados na matéria; elabora-se o programa das corridas e anuncia-se que simultaneamente se dará andamento aos concursos, por uma certa ordem indicada.

Passando à análise da competição, encontramos fartos motivos de júbilo; muita gente com boas condições e alguns valores já reais: Carlos Mendonça, João Nuno Morais, Carlos André, Ricardo Duão, António Tender, José Paulo Cardoso, Joaquim Branco, Adriano Gomes, Domingos Canhão, Armindo Morais e José Rodrigues são os nomes que retemos dum lote bem fornecido e do qual se destacam, mais do que como promessas, como realidades.

O benfiquista Mendonça, com os seus 16,5 s. nos 150 metros, foi a figura dominante do torneio e vai, com certeza, brilhar no primeiro plano nos próximos campeonatos dos consagrados. Não é muito rápido a partir, mas que esplêndida aceleração dos vinte metros em diante!

O bracarense Morais — que tem ainda muito a aprender — e o sportinguista Machado, em per-

feita recuperação, merecem ser apontados depois do campeão.

Notamos que os atletas nortenhos tiveram acentuada tendência para escapar antes do tiro e reclamavam contra a demora — regularíssima — do juiz de partida entre a segunda voz e o tiro. Esta atitude prova apenas que estão mal habituados e as partidas nas suas provas regionais não respeitam os intervalos convenientes.

Domingos Canhão, em boa hora trazido do meio fundo para a velocidade prolongada, é outro atleta de estofos: óptima passada, descontração perfeita, coragem e espírito combativo.

A sua prova na estafeta 3 x 300 metros, em que recuperou mais de dez metros a Sancho, foi espectáculo de arrebatadora beleza atlética.

O helenense Rodrigues venceu folgadoamente a corrida dos três quilómetros, deixando longe o campeão regional Quaresma, cuja prova foi desoladora de ignorância dos mais elementares princípios da corrida em pista.

Incorporado no meio do pelotão, deu cinco ou seis voltas à pista seguindo pela linha dois, o que representa um acréscimo de sete metros por volta; quando se isolou com um adversário bele-

nense, continuou correndo a seu lado — nem atrás, nem adiante, mesmo ao lado — e todos os ataques para ultrapassagem foram despedidos na curva!

Também é de reparar que três dos quatro discóbolos sportinguistas lançassem sem volta; já tinham tempo de ter aprendido e, em torneio nacional de júniores, até quase devia ser proibido.

Em contrapartida, temos no portuense António Tender um especialista de futuro assegurado; a volta no círculo é ainda muito defeituosa, mas a chieitada do braço e a destorção final são francamente boas.

Registe-se também o progresso evidente do lançador de dardo Cardoso, que não deve estar já muito longe dos melhores portugueses na sua especialidade. É homem para rondar ainda este ano, com um dardo que mereça o nome, a marca dos cinquenta metros. Precisa de corrigir a direcção dos lançamentos, que lhe saem oblíquos da mão; a culpa deve ser do braço mal puxado por cima do ombro ou desvio da mão direita para a esquerda quando desce à retaguarda antes dos passos cruzados finais.

Salazar Correia

## BOXE

(Continuação da página 7)

Larsen principiou o combate com ânimo e bateu bem algumas vezes. Um golpe da direita produzia no público forte reacção favorável. No assalto imediato, Martin vai ao ataque, mas o boa guarda e as esquerdas de Larsen impedem-lhe que entre a lenda. O 3.º round pertence bem ao espanhol, cuja iniciativa produz efeito. Larsen riposta a tempo e não se deixa dominar em demasia.

A luta atinge um certo grau de violência no 4.º assalto. Larsen acasa um belo golpe carvo, mas refaz-se depressa.

Do 5.º assalto em diante o combate perde interesse. Ambos os jogadores se poupam, entrando frequentemente em corpo-a-corpo para anular o combate. Larsen tem algumas arremetidas a distância, logo quebradas pelos clinches, e no último período é a iniciativa do campeão de Portugal que lhe dá jus à vitória por pontos.

O resultado não nos permite assegurar que Jorge Larsen seja melhor do que Jaanito Martin, como aliás sucedera contra Ferrer. O árbitro, José de Aradjo, se tivesse interpelado publicamente os dois pagillistas, pelo uso e abuso dos corpo-a-corpo, poderia tê-los obrigado a esclarecer bem a supremacia existente...

Rafael Barradas

## Corrida de touros

(Continuação da página 5)

Belmonte intercala, e cala, e Gregório também recolhe a fala ao bucho. O público protesta até que Ferrin se resolve a bandarilhar, e então aplaude, e mais quando o mexicano «quebra» um bom par. Depois outro par enorme, ao quartelão. Ovação. E um terceiro, superior, ainda que a ovação fosse inexplicavelmente inferior. Ferrin brinda ao público e começa por alto, tão parado que ao terceiro é colhido pela barriga. Continua por «ajudados», por baixo e de joelhos, ou encurreado, que o touro começa a investir mol, voltando-se rápido e cabeceando. Assim mesmo dá uma série de «Manolelinos» aplaudidos, e aguenta novos «laraxados», e simula a morte, após novas arrancadas perigosas. Palmas justas, e chamadas, e volta à arena. Bem, Ferrin! E sai a passo lento o 2.º de Belmonte, que luta com o vento, estirando-se alguns lances, após o que pede ao sr. Casal, director discreto, para mudar de «tercio». E como Belmonte não bandarilha, e o público não sabe, ou nem se outra vez protestos, tão injustos como os que ouviu Gregório, porque se este sabe, hoje não pode pela já referida colhida de Montemor. Com a «muleta» dobra, mas o público não se dobra e continua protestando, e isso que Belmonte dá bons «derezazos». Um desarme, e palmas de largo. «Manolelinos» e até robeja, e um farol, e quando agarra as hastes é que soam algumas palmas. Si-

mula a morte, e o «morto» entra por seu pé, convencido. E sai o último, «scardeno» ou «salgado», e Correia dobra-o bem. Gregório «neroniqueio» valente, aguentando de longe, e temperando a viagem, até ser colhido, e pisado. Levanta-se e continua valente, e ouve palmas justas, porque esteve valente, e até loureiro, em alguns lances. Dois grandes faróis de Ferrin, que remata com média. Palmas.

Belmonte, esse, não ouve palmas em três lances que ensaia. Gregório volta a brindar a Arraza, que o público já fixou e agora aplaude bem. Cai uma bandarilha, mas Gregório fez tudo o que podia para cravar um bom par, bem marcado. O 2.º, «faca lore-rav», resultou melhor, e foi, por isso, mais aplaudido, mesmo muito mais, como o 3.º, espectacular. E Gregório volta a brindar a Carlos Arraza, e aguenta arrancadas, e dobra bem. Um desarme. Depois, muitos «naturales», não correndo a mão, mas valente. Palmas. Depois, muitos «derezazos», e a emoção dum colhida «Gregoriana», e as ovações do costume. O ídolo volta a estar de pé, hoje como ontem, como sempre, enquanto cá andar por Portugal. Que a sorte o acompanhe em Espanha, para onde agora vai.

### Juízo crítico

Cabe em duas linhas: nenhum touro foi manso, e nenhum completamente bravo, ainda que todos investissem e, muito bem, para o

## Andebol

(Continuação da página 2)

remate de Vicente e Manuel Silva.

A superioridade da linha média Leonina — mais evidente ainda quando no segundo tempo o grupo nortenho cedeu por manifesta falta de resistência física — foi o esteio onde se firmou o domínio da equipa, cujos melhores condutores foram os veteranos Real Vidal e Correia.

O quinteto atacante sportinguista peca por falta de mobilidade na zona de remate, facilitando a acção da defesa contrária.

A arbitragem, embora imparcial e anífrme, não nos agradou na base de certos critérios de interpretação da regra; o castigo por passos, por exemplo, não corresponde à verdade, porque pane antes do tempo devido. O assunto fica de remissa para ocasião propícia.

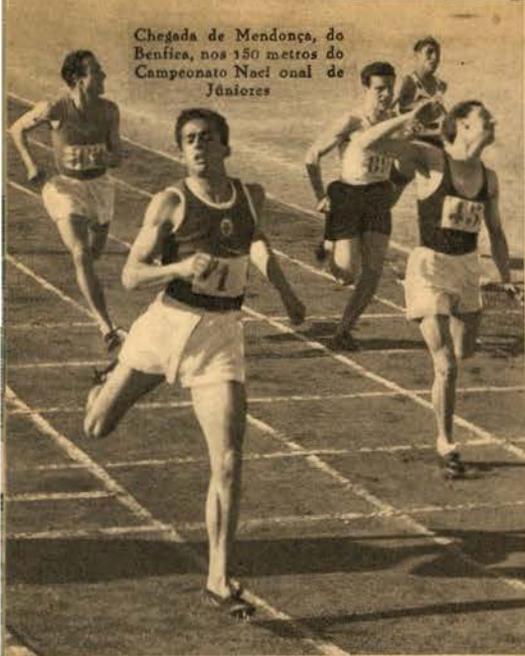
José de Eça

cavalheiro, os dois, e mais o 1.º que o 2.º.

O cavaleiro aproveitou-os bem consoante suas condições, e por vezes com brilho, bem e bem aplaudido. Dos «diestros» foi Ferrin o mais «diestro», Belmonte o mais infeliz e Gregório, Gregório é sempre Gregório, um loureiro que poderia tê-lo se soubesse administrar-se na arena, ordenar o pouco que faz bem, expurgar todo o resto, que é muito.

El Terrible Perez

Chegada de Mendonça, do Benfica, nos 150 metros do Campeonato Nacional de Júniores



A equipa do F. C. Porto, que deixou boa impressão

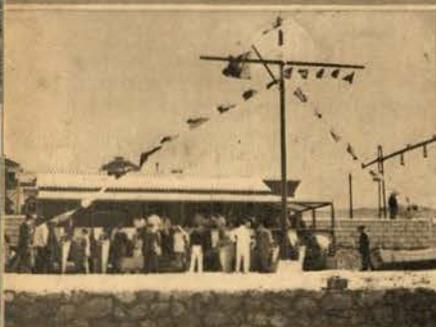


Os representantes do Académico do Porto



Em cima e em baixo: a equipa de 3x300 do Sporting, vencedora do Campeonato, e a chegada de Adriano Gomes, da equipa de 3.100 do Benfica

# VELA e NATAÇÃO



Em baixo e em cima, dois aspectos das regatas do Sport Algés e Dafundo



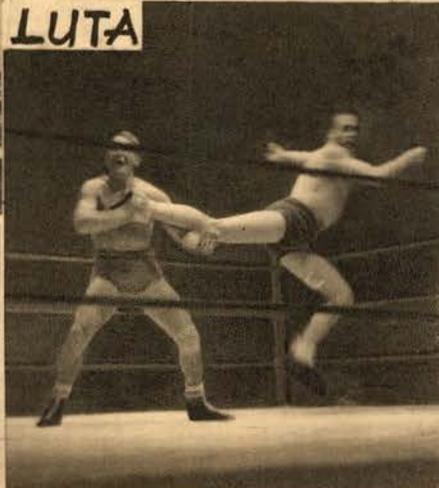
# ATLETISMO



*Ginástica*

A F. N. A. T. procura expandir a ginástica. Efectuou um ensaio, no último domingo, e breve apresentará todas as suas classes, num espectáculo público

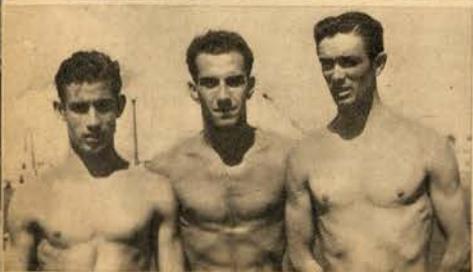
# LUTA



Uma fase emocionante dos combates da luta, no Parque Mayer

O «Quorum» montado pelo tenente coronel Navarro, da equipa espanhola, que venceu brilhantemente a «Omnium» do Concurso Hípico de Lisboa

# Hipismo



Prova de Mar: A equipa vencedora da corrida e que representa o Estoril-Praia



2200

2200

Stadium

A Alumina

A maior organização do Império  
em MATERIAL ELÉCTRICO  
CORTEZADA JALISTAR  
B. P. G. H. C. L. E. T. A. S.



# *A Iluminante*

A maior organização do Império  
em MATERIAL ELÉCTRICO

e

B I C I C L E T A S

LISBOA

PORTO

Av. Almirante Reis, 6

2\$00

# Stadium

2\$00